



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

LETÍCIA DOS SANTOS QUEIROZ

A EXPRESSÃO DO MODO SUBJUNTIVO NO DIALETO AMAZÔNICO

BRASÍLIA
2023

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS

A EXPRESSÃO DO MODO SUBJUNTIVO NO DIALETO AMAZÔNICO

Monografia apresentada à disciplina
Seminário de Português, no curso de
**Letras – Português e Respectiva
Literatura da Universidade de Brasília -
UnB**

Aluna: Letícia dos Santos Queiroz
Matrícula: 202062527

Orientadora: Profa. Heloísa Maria
Moreira Lima de Almeida Salles

BRASÍLIA
2023

Dedico este trabalho aos
meus pais, Ana e Eduardo.
Amor que não se mede.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela conclusão de mais essa etapa acadêmica. A Ele toda honra e toda Glória!

Agradeço à minha família em Manaus, principalmente à minha mãe e ao meu pai, Ana e Eduardo, por me escolherem como filha e proporcionarem apoio e incentivo constante.

Agradeço à minha família em Brasília. Ao meu esposo Filipe, pelo amor e companheirismo. À minha sogra Rita e minha cunhada Heloísa, que me acompanharam nas horas de estudo, auxiliando da melhor forma.

Agradeço aos professores da Universidade Federal do Amazonas, onde iniciei a graduação, os primeiros contatos com a Universidade foram cruciais para despertar o minha afeição pelas letras.

Agradeço aos professores da Univerdade de Brasília, que colaboraram para o aprofundamento na área da linguagem e contribuíram ainda mais para minha formação profissional.

Agradeço à minha orientadora, Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida Salles, pela dedicação e disponibilidade.

Agradeço aos meus amigos de Manaus e de Brasília pelo apoio e amizade, com destaque para Lívian pela parceria que ultrapassa a distância e o tempo e para os meus companheiros de graduação, Maria e Jefferson, pelo fio de ariadne que foram para mim durante esses anos.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a expressão do modo subjuntivo nas orações subordinadas na língua falada no estado Amazonas, com dados dos municípios de Barreirinha, Itacoatiara e Manaus coletados *Corpus CoLingAm* (2014). O estudo é desenvolvido considerando fatores de estrutura e funcionamento linguístico que favorecem ou desfavorecem o uso do modo subjuntivo na língua falada. Para isso, são tomados como referencial teórico os estudos sobre modo e modalidade de Mateus *et al.* (1989) e Camara Jr. (1991). A análise é iniciada a partir da discussão sobre modalidade e modo verbal e sobre a expressão do subjuntivo na variedade padrão do português. São retomados também estudos desenvolvidos por Rocha (1997) e Oliveira (2007) sobre o uso do modo subjuntivo nas orações completivas com dados do Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste a partir de uma abordagem sociolinguística. Para esta análise foram considerados fatores morfossintáticos e semântico-pragmáticos. Os resultados obtidos apontam que, nos dados de fala do Amazonas, o uso do subjuntivo em contexto de interpretação *irrealis* é quase categórico, distinguindo-se dos dados de variedade dialetal do centro-oeste e sudeste, em que se verifica o uso variável dos modos subjuntivo e indicativo.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Subjuntivo. Modo. Modalidade. Amazonas.

ABSTRACT

This paper presents a study on the expression of the subjunctive mode in subordinate clauses in the spoken language of the state of Amazonas, with data from the municipalities of Barreirinha, Itacoatiara and Manaus collected from the CoLingAm corpus (2014). The study is developed considering factors of structure and linguistic functioning that favor or disfavor the use of the subjunctive mode in the spoken language. For this, the studies on mode and modality by Mateus et al. (1989) and Camara Jr. (1991) are taken as a theoretical reference. The analysis begins with a discussion on modality and verbal mode and on the expression of the subjunctive in the standard variety of Portuguese. Studies developed by Rocha (1997) and Oliveira (2007) on the use of the subjunctive mood in complement clauses with data from the Northeast, Midwest and Southeast are also resumed from a sociolinguistic approach. For this analysis, morphosyntactic and semantic-pragmatic factors were considered and the results obtained point out that in the speech data of Amazonas the use of the subjunctive in the context of irrealis interpretation is almost categorical, which is a distinction from the data of dialectal variety of the center-west and southeast of Brazil, which display a variable use of the subjunctive and the indicative modes.

Keywords: Portuguese language. Subjunctive. Mode. Modality. Amazonas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	13
1.1 MODALIDADE E MODO VERBAL.....	13
1.2 A EXPRESSÃO DO SUBJUNTIVO NA VARIEDADE PADRÃO DO PORTUGUÊS.....	14
2. ESTUDOS SOBRE O USO VARIÁVEL DOS MODOS SUBJUNTIVO E INDICATIVO EM PERSPECTIVA COMPARATIVA	20
2.1 O ESTUDO DE ROCHA (1997).....	20
2.2 ESTUDO DE OLIVEIRA (2007).....	22
3. VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS NO USO DOS MODOS SUBJUNTIVO E INDICATIVO	25
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	25
3.2 FATORES LINGUÍSTICOS SELECIONADOS	26
3.2.1 Orações completivas: <i>tipo de verbo da matriz</i>	26
3.2.2 Orações adverbiais: <i>tipo de oração</i>	27
3.2.3 Orações relativas: <i>restritivas e explicativas</i>	27
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	28
4.1 ORAÇÕES COMPLETIVAS	29
4.2 ORAÇÕES ADVERBIAIS	30
4.3 ORAÇÕES RELATIVAS	37
4.4 ADVÉRBIOS DE DÚVIDAS	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

De acordo com a tradição gramatical, o modo verbal é a propriedade do verbo que contém a significação e a indicação de atitude do falante em relação à mensagem que enuncia (certeza, dúvida, ordem), distinguindo-se em três modos no português brasileiro: indicativo, subjuntivo e imperativo (LIMA, 2011, p.168).

Para Camara Jr. (1991, p.99), o modo subjuntivo indica uma posição subjetiva do falante em relação ao processo verbal comunicado, e pode ser caracterizado por sua dependência sintática de um termo que o domina, seja um advérbio ou uma oração principal. Para reforçar essa caracterização, o autor Lyons (1979, p.328) explica que o termo subjuntivo possui a tradução latina “subordinante”, o que o torna por excelência uma subordinação na tradição gramatical (cf. (1)).

(1) Quero que você venha nos visitar.

No entanto, o subjuntivo é requerido em estruturas sintático-semânticas diversas, ocorrendo não só em contexto de subordinação, como também em sentenças simples (2) ou coordenadas (3):

(2) Talvez a Joana venha nos visitar.

(3) Quer queira quer não, você vai ao médico.

Em sentenças subordinadas, a depender do verbo da oração matriz, seu uso pode ser obrigatório, de acordo com a tradição gramatical, como, por exemplo, com verbos volitivos (*querer, mandar, esperar*), avaliativos (*alegrar, lamentar*), dubitativos (*duvidar, desconfiar*) – embora o uso do modo indicativo seja possível, sendo a variação objeto de discussão neste estudo:

(4) Quero que você viaje.

(5) Alegro-me que você tenha viajado.

(6) Duvido que ele viaje hoje.

Esse modo pode ter também um uso opcional, como em períodos compostos em que o verbo da oração matriz é da classe dos epistêmicos, que exprimem conhecimento e crença. Nesse caso, admite-se o uso do modo subjuntivo e do

indicativo, a depender do sentido que o falante deseja imprimir no conteúdo das orações:

(7) Acredito que ele estuda português.

(8) Acredito que ele estude português.

Os exemplos (7) e (8) são gramaticais e aceitos pelo falante tanto com uso do indicativo quanto do subjuntivo na oração subordinada. Mateus et al. (1989), essa alternância de modo ocorre pois o verbo *acreditar* apresenta um traço de factividade, uma propriedade semântica que pressupõe a verdade da proposição da oração subordinada, assim, quando o sujeito pressupõe que o fato da oração é verdadeiro, usa-se o indicativo e quando não há pressuposição do fato como verdadeiro, utiliza-se a forma subjuntiva.

Mateus et al. (1989) ressaltam ainda que, tradicionalmente, o modo subjuntivo está associado ao domínio da incerteza ou da dúvida, porém existem contextos em que ele pode ser usado em construções nas quais esperaríamos o uso do modo indicativo e vice-versa. No exemplo (9), é esperado que um verbo factivo como *lamentar*, no qual se afirma a verdade da proposição, selecione o modo indicativo na oração subordinada, enquanto em (10), espera-se que um verbo de atitude proposicional como *crer* selecione o subjuntivo, por não afirmar a verdade da proposição da frase subordinada:

(9) A Ana lamenta que estejas doente.

(10) O Rui crê que a Rita está em casa.

Contudo, as formas acima não seguem o critério da assertividade do verbo, logo, pode-se observar que, nesses casos, a seleção do modo subjuntivo parece estar dependente de outros fatores além da assertividade verbal.

Cabe notar que a descrição e a análise de ordem formal e semântico-pragmática, para o uso do subjuntivo, apresentada pela tradição gramatical, não atende às situações reais de fala produzidas por falantes do português brasileiro, o que desperta interesse em relação aos fatores que propiciam o distanciamento em relação a esse sistema. Em particular, verifica-se o uso preferencial do modo indicativo em estruturas de subordinação com as diferentes classes de verbos da

matriz, bem como em períodos simples, na presença de categorias modalizadoras (como o advérbio *talvez*).

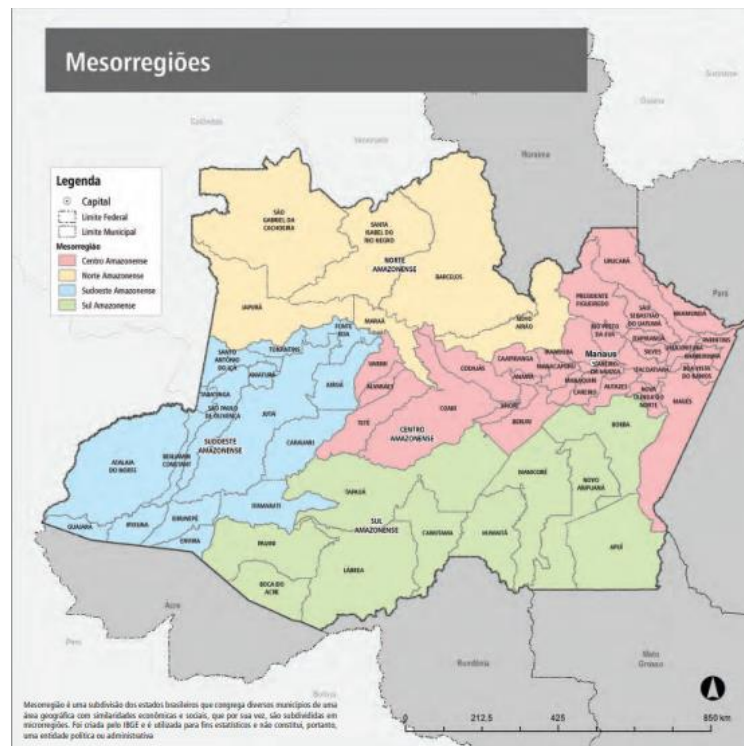
Por esta razão, esse fenômeno tem sido investigado em diversos estudos no Brasil sob a ótica da sociolinguística (PIMPÃO, 1999; MEIRA, 2006; OLIVEIRA, 2007; CARVALHO, 2007, para citar alguns). Além de identificar fatores linguísticos, como o tipo de verbo da matriz, o tempo do verbo, o padrão flexional (regular ou irregular), os estudos apontam a variável regional como fator significativo em relação ao uso do modo indicativo e subjuntivo. Em particular, verifica-se que a região Nordeste tende a conservar mais as formas subjuntivas que as regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste. No entanto, os estudos citados não consideram o uso do modo subjuntivo no(s) dialeto(s) falado(s) na região Norte.

O interesse por este objeto de pesquisa deve-se ao fato de que, como falante nativa desse dialeto, suponho que o uso do modo subjuntivo é expresso de forma mais conservadora nessa região, em similaridade com o que ocorre na região nordeste e em oposição às regiões sudeste e centro-oeste do país.

Posto isso, este trabalho investiga a expressão do modo subjuntivo em orações subordinadas no português falado no estado do Amazonas, região norte do Brasil, a fim de verificar se o falante opta pela forma conservadora (uso do subjuntivo) ou se existe variação com o modo indicativo, buscando se os fatores favorecedores se mantêm conforme indicado nos estudos prévios em relação às demais regiões.

Para tanto, serão considerados dados de fala da região Norte do Brasil, coletados pelo projeto de pesquisa Dialeto Amazônicos que resultou no *Corpus CoLingAM* (2014), composto por 132 entrevistas com falantes de 11 municípios do Amazonas. Contudo, neste trabalho serão examinados dados de 3 municípios: Barreirinha, Itacoatiara e Manaus, que pertencem à Mesorregião do Centro Amazonense, conforme se identifica no mapa a seguir. Além disso, os dados não serão submetidos a tratamento estatístico, por se tratar de uma aproximação preliminar do fenômeno.

Mapa das regiões do Estado do Amazonas



Fonte: Governo do Estado do Amazonas (2016)

Para realizar a análise dos dados serão considerados fatores de estrutura e funcionamento linguístico que favorecem ou desfavorecem o uso do modo subjuntivo na língua falada. Para isso, serão tomados como referencial teórico os estudos sobre modo e modalidade de Mateus *et al.* (1989) e Camara Jr. (1991).

Ao abordar a língua como um sistema dinâmico, influenciável por fatores internos e externos, pode-se analisá-la sincronicamente, observando as variações em seu uso, como propõem os estudos sociolinguísticos (cf. Labov, 1972). Contudo, observando-a como um conhecimento inato para o falante, podem-se analisar os fenômenos em termos de seus princípios gerais e as propriedades que a constituem, nos termos de Chomsky (1981).

A partir dessas noções, neste trabalho serão observados aspectos de expressão do subjuntivo em sentenças subordinadas na língua falada nos municípios do Amazonas, com o objetivo de:

- 1) Apresentar as situações de variação da expressão do subjuntivo no português brasileiro considerando que podem ser motivadas por fatores: morfossintáticos e semântico-pragmáticos;

- 2) Observar a correlação do modo subjuntivo e o tempo verbal;
- 3) Contribuir para a descrição do Português Brasileiro, especificamente, na língua falada no Amazonas, região norte do país.

Este estudo está estruturado da seguinte forma: seguindo-se a esta seção introdutória, a primeira seção apresenta os pressupostos teóricos que orientam a análise dos dados, considerando a distinção de modo e modalidade e a expressão do modo subjuntivo no português brasileiro. A segunda seção apresenta uma breve exposição de alguns estudos prévios acerca do fenômeno observado. A terceira seção apresenta as variáveis selecionadas para análise e, na quarta seção, serão abordados os dados coletados e sua respectiva análise, evidenciando a forma como o modo subjuntivo é utilizado pelos falantes. Na última seção, fazemos a apresentação das considerações finais.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, apresentamos os conceitos de modalidade e modo verbal, bem como a análise dos estudos linguísticos em relação à expressão do modo verbal em diversos contextos semântico-sintáticos.

1.1 Modalidade e modo verbal

De acordo com o linguista Frank Palmer (1986), a modalidade e o modo, embora vinculados, são conceitos distintos. Enquanto o modo verbal é uma categoria gramatical, a modalidade é uma categoria nocional ou semântica, que pode vir expressa na morfologia verbal, no léxico da língua, na sintaxe ou via entonação. Assim, mesmo que a modalidade não esteja formalmente gramaticalizada, está imbricada no conceito de modo verbal.

Em sentido geral, é possível conceituar a **modalidade** como a relação locutor-enunciado-realidade objetiva, dessa forma, são as avaliações subjetivas do falante quanto às sentenças enunciadas (MATEUS *et al.*, 1989). Essa categoria gramatical pode ser expressa por meio de elementos linguísticos como os verbos auxiliares, morfemas flexionais e advérbios.

Já o **modo** verbal é definido por Lyons (1979) como uma categoria dêitica, que pode ser depreendido a partir da sentença, e tem como função principal a imbricação entre o tempo da ação e do estado expresso na sentença, o momento de enunciação, o “agora” do falante.

De acordo com Givón (2001, p.300), a modalidade revela a atitude do falante em relação à proposição da sentença, e essa atitude pode ser dividida em julgamento epistêmico e deôntico, que é empregado de acordo com o conteúdo da sentença. O julgamento epistêmico está associado à verdade possível, à probabilidade, à evidência, enquanto o modo deôntico, às noções de desejo, intenção, preferência.

O autor aponta ainda que a modalidade foi abordada pela tradição lógica apenas como uma propriedade da proposição, associada à relação entre *realis/irrealis*, contudo desvinculada do contexto comunicativo. Entretanto, para o autor, estes termos devem ser definidos a partir de uma abordagem cognitiva e

comunicativa. Comunicativa pois aborda a semântica orientada ao falante até a pragmática interativa envolvendo negociações entre falante e ouvinte e cognitiva porque considera questões desde verdade lógica a certezas subjetivas (GIVÓN, 2001, p.302).

A partir da noção de equivalência comunicativa proposta por Givón, é possível estabelecer uma correlação entre *realis/irrealis* e indicativo/subjuntivo. Portanto, a asserção *realis* tem propriedade de exprimir uma proposição que é declarada como uma verdade, e a asserção *irrealis* é aquela que pode ser entendida como possível, provável, incerta, desejável.

Em geral, o modo é postulado em função do critério semântico de julgamento do falante acerca do enunciado. Para a tradição gramatical, o modo verbal em português é expresso pela conjugação verbal dividida em três: indicativo, subjuntivo e imperativo, e está manifesto na categoria de tempo e modo, expresso em um só paradigma flexional (CUNHA e CINTRA, 2007).

Sendo assim, uma das formas de analisar semanticamente os modos em português é considerando que esses possuem traços modais, ou seja, estão relacionados com a modalidade, formas pelas quais os falantes expressam julgamentos sobre o conteúdo das sentenças e as situam em um determinado ambiente modal (GOMES & MENDES, 2018). Portanto, em português uma ação pode ser enunciada de três maneiras distintas, daí os três modos verbais que já apresentam a marca da modalidade.

Na seção a seguir, apresentamos, com mais detalhe, as propriedades semânticas e gramaticais do modo subjuntivo em português, conforme sistematizam as gramáticas tradicionais e os dos estudos linguísticos.

1.2 A expressão do subjuntivo na variedade padrão do português

As gramáticas tradicionais apresentam a definição do modo subjuntivo no português a partir do contraste de uso com o modo indicativo, sendo assim, o indicativo está associado a atitude de certeza e o subjuntivo a atitudes opostas, conforme pode-se observar no quadro a seguir:

	MODO SUBJUNTIVO	AUTOR
1	Em referência a fatos incertos: talvez cante, se cantasse.	(BECHARA, 1928 (2009), p. 221)
2	Ao empregarmos o MODO SUBJUNTIVO, é completamente diversa a nossa atitude. Encaramos, então, a existência ou não existência do fato como uma coisa incerta, duvidosa, eventual, ou, mesmo, irreal.	(CUNHA; CINTRA, 2007, p. 479)
3	Indica este modo que o verbo não tem sentido caso não venha subordinado a outro verbo, do qual dependerá para ser perfeitamente compreendido. [...] O modo subjuntivo indica dependência também quando o fato é duvidoso ou indeterminado, sendo por isso chamado 'modo da possibilidade'.	(MENDES DE ALMEIDA, 2005, p. 226)

Fonte: Autoria própria.

Dessa forma, considerando a caracterização do subjuntivo apresentada por esses gramáticos pode-se notar que um traço recorrente é o valor da incerteza e a dependência sintático-semântica de outra oração. Posto isso, podemos considerar que o modo subjuntivo assinala a posição subjetiva do falante e ocorre em sentenças com subordinação sintática, enquanto o imperativo tem a possibilidade da marcação subjetiva, porém não a da subordinação sintática, e o indicativo não possui nenhuma dessas marcações, contudo, em determinados contextos, pode assumir um caráter subjetivo e uma subordinação sintática (CAMARA JR., 1991).

Quanto à segmentação do tempo verbal, segundo Camara Jr. (1991), é possível estabelecer um paradigma de duas divisões dicotômicas, presente e pretérito, na qual o pretérito é a forma marcada:

(11) Talvez fosse verdade/ Supus que fosse verdade. (pretérito)

(12) Talvez seja verdade/ Suponho que seja verdade. (presente)

E entre pretérito e futuro nas orações subordinadas, que estabelecem uma condição prévia do que se vai comunicar:

(13) Se fosse verdade, eu partiria (ou – partia) sem demora. (pretérito)

(14) Se for verdade, eu partirei (ou – parto) sem demora. (futuro)

Neste caso, a condição pode ser expressa tanto pela partícula condicional quanto por uma oração com as partículas *quem* ou *quando*, entre outras formas. A partir disso o autor sugere a seguinte divisão dos tempos no modo subjuntivo:

Orações não condicionais: a) pretérito; b) presente;

Orações condicionais: a) pretérito; b) futuro.

Quanto à construção sintática, Mateus *et al.* (1989) observam que o modo subjuntivo pode surgir em frases simples, coordenadas e sobretudo em construções de subordinação, nas quais mais se observa o seu uso, quer obrigatório quer opcional:

Em frases complexas, o modo subjuntivo pode ocorrer em frases completivas, relativas, condicionais, temporais, concessivas e finais, nalguns casos obrigatoriamente e noutros opcionalmente, contrastando com o modo Indicativo e apresentando conseqüentemente distinções semânticas. (MATEUS *et al.*, 1989)

As orações **completivas** são aquelas em que a frase subordinada é um argumento de algum dos núcleos da oração principal, a maioria é introduzida pelo elemento complementador *que*, contudo, as selecionadas por verbos de inquirição e verbos dubitativos intrinsecamente negativos têm como elemento complementador o *se*. Segundo Mateus *et al.* (1989), quando numa construção de complementação a frase completiva é um argumento obrigatório, a sua supressão determina a agramaticalidade da frase superior, se considerada isoladamente de um contexto discursivo.

As orações completivas podem ser finitas e não finitas, as finitas são aquelas que independentemente de serem selecionadas por verbos, adjetivos ou nomes, o verbo ocorre numa forma finita do indicativo ou subjuntivo. Contudo, a seleção do modo indicativo ou subjuntivo está sujeita às propriedades do núcleo que as seleciona.

Em estudo acerca da fala de comunidades rurais afro-brasileiras (Rio de Contas, Sapé, Cinzento, Helvécia) situadas na Bahia, Meira (2006) aponta que o modo subjuntivo é selecionado nas completivas por verbos, núcleos adjetivais e núcleos nominais e sistematiza essa distribuição conforme o quadro abaixo:

CONTEXTOS PREVISTOS NA ORAÇÃO PRINCIPAL QUE SELECIONA O SUBJUNTIVO NA COMPLETIVA	
Verbos	Volitivo, optativo, causativo, declarativo de ordem, psicológico factivo
Núcleo adjetival	Avaliativo factivo, avaliativo não factivo, modais

Núcleo nominal	Modais, epistêmicos e avaliativos factivos
----------------	--

Fonte: Meira (2006)

Nas completivas verbais, o modo subjuntivo ocorre como argumento de verbos psicológicos (aborrecer, agradar, comover) e em estruturas completivas selecionadas por verbos inacusativos, como 'bastar' e 'convir':

(15) Aborrece-a que o filho *tenha* desobedecido.

(16) Convém que *venhas* à cidade.

Conforme Mateus *et. al.* (1989), o modo subjuntivo (referido pelas autoras como 'conjuntivo') pode também ocorrer em completivas verbais não preposicionadas como argumento interno de verbos declarativos de ordem (dizer, ordenar, pedir, rogar, suplicar), de verbos psicológicos factivos (achar_bem/mal, detestar, gostar, lamentar), de verbos volitivos e optativos (desejar, esperar, pretender, querer, tencionar) e de verbos causativos (deixar, fazer_com, fazer, mandar) (MATEUS *et al.*, 1989).

(17) Os professores pediram aos pais que lhes *telefonassem*.

(18) A mulher lamenta que *tenha* ocorrido o mal-entendido.

(19) Todos esperam que *cheguem* boas notícias.

(20) O professor mandou os alunos *estudarem* mais.

As completivas verbais preposicionadas também apresentam, em geral, modo conjuntivo:

(21) Eles autorizaram-nos a que *consultássemos* o manuscrito raro.

(22) O bibliotecário opôs-se a que *consultássemos* o manuscrito raro.

Caso similar ocorre nas completivas nominais e adjetivas, com exceção dos casos de seleção de indicativo por nomes e adjetivos epistêmico. As completivas não preposicionadas, selecionadas como sujeito por núcleos adjetivais e nominais apresentam o uso do modo subjuntivo:

(23) É surpreendente que o filme *tenha* ganho o festival

(24) Que o atendimento público *melhore* é uma necessidade.

E por fim, o modo subjuntivo ocorre em todas as completivas finitas que são selecionadas como argumento interno por adjetivos e nomes.

- (25) Os funcionários estão ansiosos por que *cheguem* as férias.
(26) Existe a intenção de que *seja* dado apoio ao evento.

As autoras ressaltam ainda que, embora o subjuntivo esteja associado ao domínio da incerteza, da eventualidade e da dúvida, não existe uma relação direta entre a seleção de modo nas completivas e os tipos de modalidade, uma vez que o modo subjuntivo ocorre obrigatoriamente em sentenças com verbos factivos e o modo indicativo é selecionado em predicados de crença.

Já as orações relativas são aquelas iniciadas por pronomes, advérbios ou adjetivos relativos, que modificam uma expressão nominal antecedente ou uma outra oração, podem ser segmentadas em dois tipos: restritivas e explicativas, contudo, somente as restritivas podem ser expressas com o modo subjuntivo (MATEUS *et al*, 1989). Desse modo, as orações restritivas podem apresentar um valor assertivo (27) ou um valor modal, que expressem valores hipotéticos, contrafactual (28).

- (27) O livro que li nas férias ganhou um prêmio.
(28) Um leão que tenha fome é perigoso.

Bechara (2006) observa que o subjuntivo ocorre em relativas que expressem um fim ou consequência e após predicados com sentido negativo. Cunha e Cintra (2007) apontam o uso do subjuntivo nas relativas que se referem a uma hipótese/conjectura. Além disso, as gramáticas tradicionais preveem os contextos em que há alternância entre subjuntivo e indicativo, com mudanças semânticas:

- (29) Quero um livro que contenha ilustrações;
(30) Quero o livro que contém ilustrações.

Por fim, nas orações adverbiais, o subjuntivo é um instrumento sintático que, em geral, não tem valor próprio, e seu emprego é regulado por certas conjunções (CUNHA e CINTRA, 2007). Estão exemplificados a seguir alguns desses casos, ressaltando que neles se verifica o uso sistemático do modo subjuntivo vinculado à conjunção:

- (31) Os meninos seriam muito sábios se *ouvissem* os pais. (Condicional)
(32) Foram necessários dias para que tudo *retornasse* ao normal. (Final)

(33) Antes que *cheguem*, vamos embora. (Temporal)

Para Souza e Silva e Koch (2004), as orações concessivas e finais irão favorecer o uso do subjuntivo, entretanto, nas demais orações esse uso será circunstanciado pelo traço semântico de futuridade.

Em suma, conforme apresentado, este modo verbal é condicionado por fatores de ordem pragmática, semântica, formal e sintática, o que explica a diversidade de condições quanto ao seu emprego.

Por isso, conforme mencionado anteriormente, a ocorrência de variação subjuntivo/indicativo tem sido objeto de estudo no português brasileiro, e com o intuito de mostrar alguns dos resultados já obtidos em pesquisas anteriores, na próxima seção será apresentada uma síntese de alguns estudos, que desenvolvem sob o ponto de vista dos fatores linguísticos e da distribuição regional.

2. ESTUDOS SOBRE O USO VARIÁVEL DOS MODOS SUBJUNTIVO E INDICATIVO EM PERSPECTIVA COMPARATIVA

Nesta seção está apresentada uma síntese do estudos sobre a distribuição do modo verbal (subjuntivo/ indicativo) de Rocha (1997), o qual observa a fala do Rio de Janeiro e de Brasília, e de Oliveira (2007), que apresenta observa a fala de João Pessoa. Ambos os estudos estão amparados pela abordagem variacionista e aplicam uma metodologia estatística mostrando dados significativos sobre o fenômeno.

Dado que essas autoras selecionaram variáveis linguísticas e extralinguísticas, nesta síntese será dado enfoque apenas para os fatores linguísticos, morfossintáticos e semânticos, pois dialogam com o estudo proposto neste trabalho.

2.1 O estudo de Rocha (1997)

O estudo de Rocha (1997) aborda a distribuição do modo verbal em dados de fala do Rio de Janeiro e de Brasília. Nele são apresentados casos de variação entre o subjuntivo e o indicativo nas sentenças completivas, sendo a discussão desenvolvida sob a perspectiva do variacionismo laboviano. A hipótese inicial da autora consiste no desaparecimento do uso do modo subjuntivo em diversos ambientes sintáticos dando lugar ao modo indicativo.

O estudo restringe-se às orações subordinadas substantivas, dando enfoque às alternâncias das formas verbais no presente e no pretérito imperfeito. A partir da análise estatística foram selecionados cinco fatores: quatro fatores linguísticos (carga semântica do verbo da matriz; estrutura da assertividade da oração matriz; regularidade verbal e tipo de verbo da oração encaixada; tempo verbal da oração da matriz e da encaixada) e um fator extralinguístico (faixa etária). Nesta síntese abordaremos os fatores linguísticos selecionados na pesquisa.

Na análise de dados, Rocha (1997) identifica nove classes semânticas de verbos, de acordo com a categorização proposta por Botelho Pereira (1974), e se baseia na afirmação da autora para quem cada categoria semântica tem um modo

verbal predeterminado, de acordo com o valor de verdade que se queira atribuir ao enunciado, propondo a seguinte divisão dos verbos da oração matriz:

VERBOS NA ORAÇÃO MATRIZ (BOTELHO PEREIRA, 1974)	
Selecionam subjuntivo	Não-factivos; Implicativos negativos; Condicionais; Bicondicionais e Factivos emotivos.
Selecionam Indicativo	Factivos não-emotivos e Não-avaliativos.
Situações de alternância	Indiferentes de opinião

Fonte: Autoria própria.

Nos dados coletados, Rocha (1997) verifica a presença de formas do indicativo e do subjuntivo em todas as categorias semânticas, mesmo os grupos considerados de uso categórico do subjuntivo, como os verbos não-factivos, que apesar de favorecerem o uso do subjuntivo podem aparecer na forma do indicativo:

(34) Você quer qu'eu *ligo* pra você quando eu chegar?

Assim, como resultado do primeiro fator linguístico - carga semântica do verbo da matriz - a autora constatou que os verbos não-factivos volitivos, os bicondicionais e os implicativos são grandes favorecedores do modo subjuntivo. Dessa forma, para Rocha (1997) o fato de ocorrer o indicativo com esses verbos sinaliza que o modo da oração completiva não marca modalidade.

O segundo grupo de fatores linguístico observado foi a estrutura da assertividade da oração matriz. A autora constatou que a presença de elementos negativos na oração matriz favorece a seleção do subjuntivo na completiva.

Com o objetivo de observar a relação entre esses dois fatores, foi realizado o cruzamento dos dados da carga semântica do verbo com a assertividade da oração matriz e os resultados evidenciaram que os verbos volitivos, afirmado ou negado, mantém-se como um favorecedor do subjuntivo. Comportamento oposto a esse ocorre com os verbos indiferentes de opinião e suposição (crer, achar, pensar, imaginar) que se mostram com grande variação no uso do modo quando afirmados ou negados.

Os fatores regularidade verbal e tipo de verbo da oração encaixada e tempo do verbo da matriz e tempo do verbo da oração encaixada foram os menos significativos na amostra, contudo, quanto ao tempo do verbo, vale ressaltar que a

autora aponta o tempo verbal presente como não favorecedor do modo subjuntivo, já a correlação imperfeito do indicativo e imperfeito na oração subordinada é favorecedora do uso do subjuntivo. A autora ressalta que é necessário investigar as relações entre o tempo e aspectos semânticos do discurso a fim de conhecer quais mecanismos regem o emprego dos tempos verbais nessas orações.

Em seguida, será apresentado o estudo de Oliveira (2007) que aborda o mesmo fenômeno, a saber o uso do modo verbal em sentenças completivas, na língua falada em João Pessoa, e estabelece uma comparação com a pesquisa de Rocha (1996).

2.2 Estudo de Oliveira (2007)

A pesquisa realizada por Oliveira (2007) apresenta dados de João Pessoa/PB, coletados do Projeto VALPB, em comparação com os resultados do estudo de Rocha (1997). A investigação do uso variável do modo subjuntivo concentra-se na análise de orações completivas introduzidas pela conjunção *que*. Os fatores linguísticos selecionados para a análise foram tipo semântico do verbo da oração matriz e o grau de assertividade, a autora ainda apresentou outras variáveis como a regularidade verbal e tipo de verbo da oração encaixada e o tempo verbal da oração da matriz e da encaixada com a finalidade de comparar com o que foi proposto por Rocha (1997).

Os dados encontrados apontaram um desfavorecimento do subjuntivo em oração encaixadas com os verbos factivos não-avaliativos não-emotivos (saber, conhecer) e com os indiferentes performativos, como o verbo *dizer/falar* com o sentido declarativo, assim, esses verbos criam ambiente de uso categórico do modo indicativo, conforme o exemplo abaixo:

(35) Eu disse a ela que *escolhia* a pintura.

A autora aponta também a frequência do verbo *achar* favorecendo o uso do modo indicativo, o uso quase categórico do subjuntivo para o contexto de interpretação *irrealis*. A autora considera que esse fenômeno se deve ao fato de que este verbo está passando por um processo de gramaticalização.

Os dados da Paraíba mostram um uso mais categórico do subjuntivo para contextos de interpretação *irrealis* em contraste com os dados do Centro-Oeste/Sudeste, nos quais o subjuntivo se apresenta apenas como uma competição com o indicativo e marcador de subordinação.

Quanto à oração matriz negada, percebeu-se um favorecimento do subjuntivo na completiva com os predicados indiferentes de opinião e de suposição. Nas orações com verbos factivo não-emotivo e performativo na matriz constatou-se o não favorecimento do modo subjuntivo, uma vez que ambos são ambientes previstos para o modo indicativo.

A partir da análise dos elementos marcadores de negação, a autora apresenta que o marcador de negação *não/num* na oração matriz faz com que a seleção do modo verbal seja alterada, os demais marcadores, *nunca, jamais, nenhum, ninguém, nem*, só foram identificados na oração encaixada e a sua presença nesse contexto não se mostrou significativa em relação à variação no uso do modo subjuntivo e indicativo.

Oliveira (2007) apresenta a pessoa do verbo como um dado de relevância, uma vez que a 1ª pessoa do verbo demonstrou favorecimento à seleção do modo subjuntivo. Em sua análise, sugere que a manifestação da primeira pessoa na matriz representa maior comprometimento com o conteúdo proposicional, principalmente com os verbos de opinião e suposição, em que esse comprometimento é mais destacado. Assim, o uso do subjuntivo é uma forma de o falante amenizar o grau de comprometimento com a proposição.

Outro aspecto abordado no estudo são as influências pragmáticas e sociais no uso do modo subjuntivo relacionando-os com o processo de colonização e a formação sócio-histórica da região, tema que a autora indica como uma sugestão para estudos futuros.

Por fim, Oliveira (2007) indica que no uso dos modos verbais no Nordeste não há competição entre o subjuntivo e indicativo, logo, não se observa mudança significativa neste aspecto, pois os modos verbais são usados de forma quase categórica nos contextos previstos para seu uso.

Após o exame de pesquisas antecedentes, passamos a analisar o conjunto de fatores que atuam na seleção do subjuntivo. Deste modo, na próxima seção serão apresentadas as variáveis linguísticas consideradas neste estudo para a análise do *corpus* CoLingAM (2014).

3. VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS NO USO DOS MODOS SUBJUNTIVO E INDICATIVO

Após a apresentação do objeto de estudo e estabelecidos os pressupostos teóricos em relação aos conceitos de modalidade e modo verbal, será apresentada, nesta seção, a caracterização do *corpus* do presente estudo. Em seguida, serão apresentadas as variáveis linguísticas consideradas na análise do uso do modo subjuntivo em orações subordinadas, completivas, adverbiais e relativas, dando foco aos dados linguísticos que estão sob variação. Essa discussão vai abordar os usos considerados padrão do português brasileiro como parâmetro para análise, sem apresentar juízo de valor – ou seja, sem postular que se trata de um modelo a ser seguido.

3.1 Caracterização do *corpus*

Conforme mencionado na Introdução deste trabalho, os dados de fala utilizados neste estudo foram selecionados em um conjunto de entrevistas que resultam do projeto de pesquisa Dialetos Amazônicos, desenvolvido ao longo dos anos de 2013 e 2014, em uma parceria entre a Universidade Federal do Amazonas e a Universidade Federal da Paraíba com o objetivo de descrever para revitalizar a autoestima ribeirinha.

Esse projeto culminou na elaboração do CoLingAM - *Corpus* Linguístico do Amazonas, que está disponível em sítio da *internet*, o qual disponibiliza todas as entrevistas livres, as quais estão ortograficamente transcritas e apresentadas em formato PDF, o que as torna acessíveis aos pesquisadores. Dessa forma, o *corpus* oferece um material útil à comunidade científica, pois seu potencial de pesquisa é amplo.

Para a seleção dos informantes do CoLingAM foram estabelecidos alguns critérios com base na sociolinguística variacionista. Em cada um dos 11 municípios selecionados foram entrevistadas seis pessoas da zona rural e seis da zona urbana: dois adolescentes (entre 14 e 17 anos), dois adultos (entre 25 e 45 anos) e dois idosos (acima de 60 anos), um do gênero masculino e outro do feminino. O nível de escolaridade foi, sempre que possível, ensino médio completo ou incompleto.

Neste trabalho, serão examinadas 18 entrevistas livres de 3 (três) municípios, Manaus, Itacoatiara e Barreirinha. Para fins desta análise, não serão consideradas as variáveis sociolinguísticas, uma vez que o objetivo inicial é uma descrição do uso do modo subjuntivo no dialeto amazônico considerando apenas fatores linguísticos, que estão abordados na próxima subseção.

3.2 Fatores linguísticos selecionados

O fenômeno analisado foi a expressão das formas verbais do modo subjuntivo em orações subordinadas. Desse modo, o objetivo da análise foi identificar os fatores linguísticos favorecedores (e desfavorecedores) do emprego do modo subjuntivo e evidenciar a distribuição do modo verbal na língua falada no Amazonas, considerando as motivações morfossintáticas e semântico-pragmáticas.

A análise dos dados será empreendida conforme o tipo de oração subordinada analisada, uma vez que não seguem o mesmo padrão sintático para seleção do subjuntivo, o qual pode ser expresso pragmaticamente ou por meio de outra partícula gramatical.

3.2.1 Orações completivas: tipo de verbo da matriz

Os dados de João Pessoa e do Rio de Janeiro e de Brasília apresentam o grupo de fatores “Tipo de verbo da oração matriz” como o mais favorecedor do modo subjuntivo nas completivas. Assim, com base nos estudos apresentados na seção anterior, foi percebida a relevância que o fator ‘tipo de verbo da matriz’ exerce na seleção do modo do verbo nas orações completivas. Logo, esse grupo de fatores foi considerado relevante neste trabalho.

No que se refere a esta variável, será observada a relação entre o modo da oração subordinada e a modalidade do verbo da oração matriz, considerando os seguintes tipos de verbo propostos por Mateus *et al.* (1989):

- i. Volitivos/Optativos (querer, desejar, esperar, preferir)
- ii. Avaliativos (gostar, odiar, agradar, entristecer)
- iii. Declarativos (dizer, declarar, sugerir)
- iv. Cognitivos (achar, pensar, crer, imaginar)
- v. Causativos (mandar, deixar, fazer)

- vi. Verbos de ligação (verbo de ligação + adjetivo não-factivo = é urgente, é provável)
- vii. Dubitativos (duvidar)

Espera-se, a partir da análise desse fator, que o modo verbal subjuntivo seja favorecido pelos verbos volitivos e avaliativos, por estarem relacionados a desejos e sentimentos, e por verbos causativos e de inquirição, pois indicam conselhos, pedido e ordem. Em contraposição, espera-se que o modo verbal subjuntivo seja desfavorecido por verbos cognitivos, perceptivos e declarativos, por denotarem uma opinião ou uma declaração com pressuposição de verdade.

3.2.2 Orações adverbiais: tipo de oração

Para a análise das orações adverbiais foi considerada a variável tipo de oração em que está inserido o verbo (condicional, final, comparativa, orações com talvez, temporal) observando a semântica da conjunção ou da preposição da oração.

Nesta análise, busca-se verificar as motivações semânticas para o uso do subjuntivo em orações adverbiais, observando se há favorecimento do modo subjuntivo nas orações condicionais, temporais e nas orações que exprimem dúvida, finalidade, tendo em vista a presença (ou não) do traço semântico *irrealis*.

3.2.3 Orações relativas: restritivas e explicativas

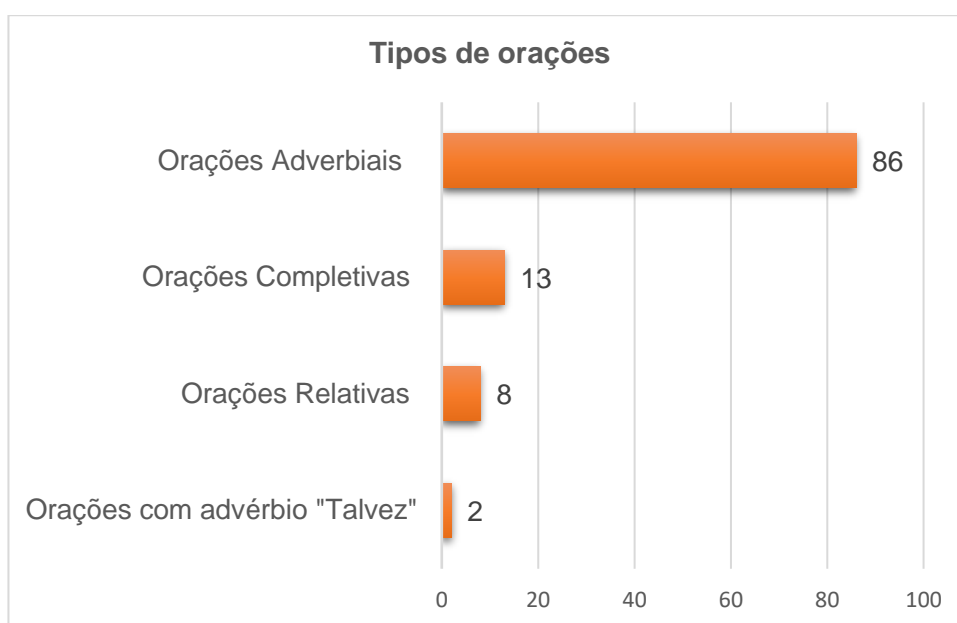
Nas orações relativas, o uso do subjuntivo foi observado considerando duas variantes: as orações explicativas e restritivas. Partindo da hipótese proposta por Mateus *et al.* (1989) de que o subjuntivo é mais recorrente no contexto das orações restritivas, uma vez que nessas o antecedente pode ser indefinido ou genérico.

Nas orações serão observadas ainda aspectos morfológicos, como a conjugação verbal do verbo da oração matriz ou da subordinada (regular ou irregular).

A seguir é apresentada a análise dos dados de fala extraídos do *corpus* CoLingAM (2014), evidenciando a expressão do modo subjuntivo no português do Amazonas.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Tomando como referência a língua padrão, foram coletadas estruturas em função do fator “tipo de oração” - adverbial, completiva ou relativa, em contextos sintáticos em que a interpretação *irrealis* é fixa, sendo esperado o uso do subjuntivo, e em que o uso do subjuntivo ou do indicativo é possível, com diferença na interpretação. Nas 18 entrevistas livres selecionadas, foram registrados 109 ocorrências desses dados, distribuídos entre orações adverbiais, completivas, relativas e com o uso do advérbio *talvez*, conforme gráfico abaixo:



Fonte: Autoria própria.

Dentre os dados encontrados, pode-se destacar 19 exemplos de variação do uso do modo subjuntivo em orações subordinadas adverbiais, casos em que ocorre o modo indicativo, mas o uso do subjuntivo é possível (e a interpretação é sempre *irrealis*). Quanto às completivas, foi observado apenas um caso de alternância de tempo verbais do modo subjuntivo.

Para esta análise, as orações relativas com o uso do modo indicativo não foram computadas, uma vez que nesses contextos, a interpretação é sempre ‘realis’. Portanto, foram coletados somente os casos de interpretação ‘irrealis’, em que o uso do modo subjuntivo estava previsto. Já as orações com o advérbio “talvez” tiveram baixa frequência no corpus, mas apresentaram-se com uso no modo subjuntivo e no modo indicativo.

Portanto, os dados apresentaram o uso do modo subjuntivo em orações relativas e completivas conforme a tradição gramatical, o emprego de ambos os modos em orações com o advérbio “talvez” e um uso expressivo com variação entre subjuntivo e indicativo em orações adverbiais.

4.1 Orações Completivas

Foi levantado um total de 13 ocorrências de orações completivas que selecionaram o modo subjuntivo, nas quais pode-se observar os principais contextos em que o modo tem sido empregado na língua falada no Amazonas. Dessa forma, a partir da observação dos tipos de verbos da oração matriz pode-se indicar que o subjuntivo foi usado categoricamente nos contextos previstos:

- I. Oração selecionadas por verbos volitivos (do tipo *querer, buscar*), conforme os exemplos abaixo:

- (36) Ele até que não queria, nem meus filho ainda, porque eles queriam que eu me **aposentasse** por tempo de serviço, né.
- (37) Eu queria que vocês **fosse** me ajudar', que é uma troca de dia que a gente faz com outra, né.
- (38) Ele queria que a gente **fosse** pra lá, estudar pra lá com ele, por causa que ele disse que é melhor e é mais perto.
- (39) ...Por causa que nós távamos em busca da, de que o professor **pudesse** ensinar aquilo pra gente...
- (40) ...Perguntei dela se ela queria que eu **fizesse**, né, ela, 'eu quero' aí eu fiz pra ela e graças a Deus, faz muito tempo que ela nunca mais deu também asma nela.

- II. Orações selecionadas por verbo declarativos (*dizer*):

- (41) Eu disse pra ele que **chamasse** a Cilene pra mim, que era uma, uma, uma enfermeira...

- III. Orações selecionadas por verbo cognitivos (do tipo *pensar, achar*):

- (42) Não. Ainda bem que não ainda, né, já pensou se **tivesse** [filho]? Não ia ter tempo

Pode-se destacar ainda um caso de alternância entre o presente do subjuntivo e futuro do subjuntivo. No exemplo (43) temos três orações: a oração

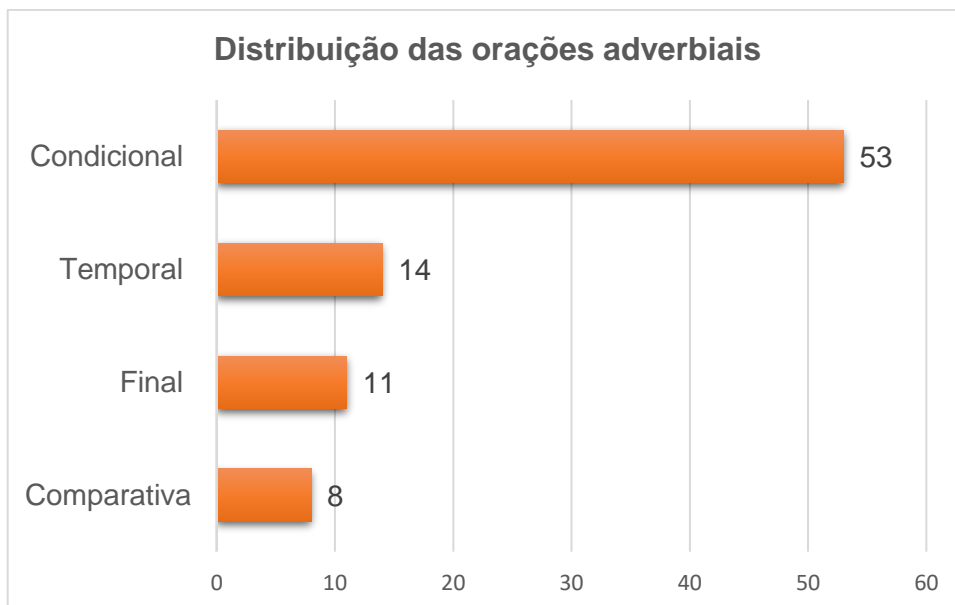
matriz *Eu só não quero*, a oração completiva *que você jogue a culpa em mim*, introduzida pela conjunção *que*, e a oração adverbial temporal *quando aconteça*.

(43) Eu só não *quero* que quando **aconteça** você jogue a culpa em cima de mim.

A oração *quando aconteça* tem mobilidade, por se tratar de uma oração adverbial temporal, nela o verbo foi usado no presente do subjuntivo, e a conjunção *quando* apresenta a noção de possibilidade para estabelecer o controle temporal com oração completiva, que tem o verbo empregado no modo subjuntivo. Assim, nesta oração, o verbo empregado no presente do subjuntivo (*aconteça*) poderia ser utilizado com a forma do futuro do subjuntivo (*acontecer*). Logo, o que se pode observar é a seleção do uso do presente do subjuntivo em lugar do futuro do subjuntivo, o que apresenta a vivacidade do uso desse tempo verbal.

4.2 Orações Adverbiais

O tipo de oração é uma variável que se mostra muito importante para o condicionamento do modo subjuntivo nas orações adverbiais, principalmente as orações que expressam condição e dúvida, confirmando o papel da interpretação *irrealis* na manifestação no subjuntivo. No *corpus* foram selecionados 86 exemplos de orações adverbiais, subdivididas em orações condicionais, temporais, finais e comparativas. Por haver uma distribuição maior na tipologia dessas orações, foram subdivididas de acordo com o gráfico abaixo:



Fonte: Autoria própria.

As **orações condicionais** foram as mais produtivas no *corpus*, apresentando 53 ocorrências com o subjuntivo. Na maioria dos casos, as orações são iniciadas pela conjunção *se* com o verbo no imperfeito do subjuntivo, como nos exemplos abaixo:

- (44) Se **acontecesse** comigo eu sabia, mas é com os outro, vejo contar, aí ninguém sabe, né.
- (45) Então preferia, assim, se eu **tivesse** num interior pra mim seria melhor.
- (46) Se a gente **for** plantar, criar uma galinha pra gente, ahn consumir, a gente tem que comprar a ração lá em Manaus.

Segundo Mateus *et al.* (1989), a oração (44) pode ser considerada uma condicional contrafactual, pois exprime proposições que não podem ser comprovadas no mundo real. A contrafactualidade em (44) refere-se a um mundo irreal, que não pode ser comparado à realidade, por esta razão o modo subjuntivo é selecionado neste caso.

As orações (45) e (46) correspondem a condicionais hipotéticas, nas quais o falante cria linguisticamente um mundo hipotético na oração matriz e na oração subordinada apresenta uma condição de realização. Assim, em (45) a oração *se eu tivesse no interior* é uma condição da oração *pra mim seria melhor* e de mesma forma, em (46) a oração *Se a gente for... criar uma galinha [...]* é uma condição para *a gente tem que comprar a ração lá em Manaus*.

A oração condicional é tipicamente introduzida pelos conectores: *se, caso, no caso de*, entretanto, é possível que sejam introduzidas pela conjunção *quando*, que pode assumir diferentes interpretações, de acordo com o conteúdo descrito na oração, principalmente em função da semântica dos tempos e modos verbais:

- (47) ... saúde então era muito precária a saúde aqui, quando, no caso, se Deus o livre, **fosse** um caso grave quando a pessoa não morria, né, mas escapava quando levava pra Manaus.

Foi observada também a construção introduzida por *quando*, com o verbo *ser* no imperfeito do indicativo, *era*, com significado existencial, como interpretação condicional com leitura hipotética, na qual, é possível o uso do modo subjuntivo. Neste contexto, encontramos a construção com a forma verbal no indicativo tanto em casos de oração condicional como em casos de oração temporal:

- (48) ...uma, um quarto bem grande, assim, enchia de armador e botava a rede dos filho quando era muitos filho.
(49) Quando era pra terminar a gente ia até terminar, à vez passava a noite toda até dez, onze hora do dia...

Já no exemplo (50) é possível observar a introdução da oração condicional com a conjunção *que* e sem a inversão do sujeito. No exemplo (51), verifica-se a ausência de conjunção. Nesses casos, a semântica da condição está presente na morfologia verbal, realizada no subjuntivo:

- (50) Mas eu pensando que, que eu **vivesse** com ele eu vivia outra vida, que, de que eu vivia com minha mãe, né, vi/ sofria muito com minha mãe, né.
(51) Então, é por isso que eu tou dizendo, que esse programa nosso, então, trouxe com que eles fizessem, que nós tivéssemos o, a vamos dizer, **recebêssemos o carinho**, o respeito, que nós respeitamos ele, então, eles respeitam a gente, entendeu, então, ele encon/ encontram isso na gente.

Em outras ocorrências também foi possível observar variações quanto à estrutura morfológica do verbo, que apresenta o morfema flexional *-r* do futuro do subjuntivo, contudo não há a mudança na raiz verbal:

- (52) (Já) a macaxeira a gente faz bolo... a mandioca a gente não faz. Se **fazer**, come, faz mal, arriscado até a pessoa morrer e a macaxeira não, ela é própria pra isso mesmo
- (53) Olhe, isso daí é conforme, né, se, se **querer** botar quando é verão, né, a gente bota ela todo dia no varal.
- (54) Aí se eu **poder** me prevenir, pra mim seria melhor ainda

Os verbos destacados na orações, *fazer*, *querer* e *poder* são irregulares, logo, muitas vezes a não alteração morfológica da raiz no modo subjuntivo será coincidente com a forma verbal do infinitivo.

No exemplo (55), o enunciado apresenta duas possibilidades de leitura, uma que considera que a leitura hipotética está contida no verbo da oração matriz (*pensar*), outra que é determinada pela conjunção *se*, que torna a oração subordinada condicional, com uma possível variação entre o presente do subjuntivo e o infinitivo como em (55')

- (55) ...o pessoal pensa, assim, que se **transforme** em um município...talvez nós tenha mais...condições, assim de, de ser mais beneficiado.
- (55') ...o pessoal pensa assim: que se se **transformar** em um município...talvez nós tenha mais...condições, assim de, de ser mais beneficiado.

As orações **temporais** foram as segundas em que o subjuntivo foi mais produtivo do *corpus*, com 14 ocorrências, em grande parte introduzidas pela conjunção *quando*, como nos exemplos apresentados abaixo:

- (56) ...se ela desse de seis em seis dia, quando **fosse** dando seis dia, o senhor podia se aprontar que ela vinha mesmo.
- (57) ...pra depois a gente também retribuir, né, quando **tiver** trabalhando ajudar eles também.
- (58) ...quando tu **tiver** pescando de malhadeira, quando **cai** o peixe, tu já tem que tirar logo o peixe, se deixar lá... o boto, é o que ele quer.

O tempo e o modo verbal selecionados estão diretamente condicionados ao sentido que o falante deseja imprimir na comunicação. No exemplo (56) o verbo está empregado no imperfeito do subjuntivo, indicando a dependência temporal entre as orações, pois o verbo, na oração principal, está flexionado no imperfeito do indicativo.

Pode-se verificar também que, em (57) e (58), o uso do verbo no futuro do subjuntivo na oração introduzida pela conjunção *quando* indica uma situação eventual futura.

De acordo com Mateus *et al.* (1989), nas orações introduzidas por *quando*, a oração temporal será um ponto de referência para o evento descrito na oração matriz. Logo, a situação apresentada na oração adverbial temporal pode descrever anterioridade, simultaneidade ou posterioridade em relação à matriz. Nos exemplos (57), a oração subordinada mostra uma relação de posterioridade à matriz, já em (56) e (58), se constrói uma relação de simultaneidade entre o evento da oração matriz e o da oração subordinada.

Conforme mencionado anteriormente, além do valor temporal, podem ser atribuídos diversos sentidos à conjunção *quando*, a qual pode assumir valor temporal e condicional e valor temporal e concessivo. Para exemplificar o primeiro tipo é possível observar que em (58) há uma oração adverbial com um evento que descreve uma possibilidade, marcado pela forma verbal *tiver* no modo subjuntivo. A oração matriz apresenta um evento vinculado a uma condição estabelecida na oração subordinada – *quando tu tiver pescando*. Logo, é possível notar a ocorrência de duas semânticas simultâneas, uma de valor temporal e outra de valor condicional.

Quanto à morfologia do verbo *estar*, no contexto das orações (57) e (58), vale notar que, quando o verbo é empregado no futuro do subjuntivo, sofre alteração morfológica na raiz verbal, se apresentando como *-tiver* (em oposição a 'estiver'), contudo, é possível perceber a marcação do subjuntivo com o morfema *-r*.

Em outras orações temporais também foi possível observar casos de não flexão dos verbos no modo subjuntivo, como nos exemplos (59) e (60), nos quais os verbos *fazer* e *vir* não tiveram a alteração na raiz verbal e mantiveram-se em forma coincidente com a do infinitivo, entretanto a semântica da futuridade está expressa por meio da conjunção *quando* e do contexto:

- (59) Dona XXX, 'quando a senhora **fazer** merenda, a senhora não coloque muito sal, e nem muito açúcar', né.
- (60) Ele disse, 'olha', na última viagem que eu dei pra, pra baixar, ele disse: 'ó, quando tu **vir** de lá nós vamos fazer uma proposta, essa tu vai ficar com ela'.

As orações **finais** tiveram baixa ocorrência no *corpus* , com 11 dados, e foram introduzidas principalmente pela conjunção *pra que* , conforme os exemplos a seguir:

- (61) Aí ela também *era* proibida de entrar no rio pra que eles não se **apaixonassem** por ela.
- (62) Aí os, os moradores da tribo *decidiram* jogar ela no rio pra que ela não **fizesse** mais mal.
- (63) ... me *ensine* a pescar, pra que eu **possa** sobreviver.

Segundo Mateus *et al.* (1989), os enunciados que contêm orações finais podem assumir diferentes valores modais: factual, hipotético ou contrafactual e a definição desse valor depende do tempo da oração matriz. Desse modo, temos em (61) e (62) exemplos de orações com modalidade factual, uma vez que o tempo da oração matriz é o pretérito imperfeito e perfeito, respectivamente, e, assim, por localizar a ação no passado, é reconhecido por atribuir uma semântica de certeza. Contudo, a oração subordinada descreve uma suposição, e em razão disso é empregada com o modo subjuntivo. Já a oração (63) é um caso de modalidade hipotética, pois a oração matriz apresenta o tempo verbal no imperativo, que é o modo que introduz um momento de fala presente e na oração subordinada está expresso o valor de futuro. Quanto à modalidade contrafactual, não foram encontrados exemplos neste *corpus* .

Conforme apresentado nos exemplos acima, a conjunção *para que/prá que* se mostrou um cenário estrutural favorecedor para o uso da morfologia do subjuntivo. No entanto, identificamos um dado no qual o imperfeito do subjuntivo não ocorre,:

- (64) É, nós tamos trabalhando para que nós **conseguiríamos** uns policiais né, que pudesse ficar fixo aqui na comunidade, né.

O exemplo (64) é um caso de uso do modo indicativo em um contexto em que o modo subjuntivo seria usado na variedade padrão. Nesse caso, o falante usa o futuro do pretérito do indicativo, contudo, essa permutação não é aleatória, uma vez que ao selecionar o tempo futuro é estabelecida a semântica da possibilidade/futuridade que é própria da interpretação *irrealis* , selecionada pela semântica de finalidade.

No âmbito das orações **comparativas**, foram encontrados especificamente casos de **comparativas-condicionais**, introduzidas frequentemente pelo conector *como se*, de valor simultaneamente comparativo e condicional. Nestes casos, a proposição expressa na oração matriz, que pode ser verificada no mundo real, é apresentada como possuindo propriedades idênticas às da proposição irreal apresentada na oração subordinada, e por esta razão emprega-se o modo subjuntivo.

De acordo com Mateus *et al.* (1989), essas orações surgem frequentemente em enunciados de valor contrafactual (65), quando estão seguidas de uma oração adversativa, mas podem também ter um valor hipotético (66), quando seguidas de uma oração coordenada que retome o conteúdo da segunda oração:

(65) ...se diverte do mesmo jeito dentro, como se você **tivesse** fora, mas não é tão confortável como você tar fora, né, mas é muito legal...

(66) A gente era como se **fosse** uma família assim, como fosse não, a gente é uma família, né.

Esse tipo de oração ocorreu 8 vezes no *corpus* sempre com o uso do subjuntivo, ou seja, não foram observadas variações quanto ao seu uso, apresentando-se de forma consistente com a língua padrão. A estrutura da conjunção *como se* mais o verbo *ser* no imperfeito do subjuntivo foi recorrente, aparecendo como uma expressão fixa, como em (67) e (68), assim pode-se apontar uma tendência à gramaticalização dessa expressão, com o verbo 'ser' no imperfeito subjuntivo. Todavia, também foram observados casos com outros tipos de verbo como em (69) e (70):

(67) Aí, tipo, mais como se **fosse**... ahn, eles não **tivessem** tido uma opção.

(68) ...é como se **fosse** um arraial todo dia.

(69) Tá um pouco parecida, mas não é tão frequentemente como no interior...porque [viver] no interior é como se **vivesse** no passado.

(70) A porta cai e é, é estreita, ela não pode virar pra lá e nem pra cá, ela fica como **tivesse** numa cela.

No exemplo (70), também pode-se evidenciar uma oração comparativa-condicional apenas com o uso da conjunção *como*, porém, nesse caso, a interpretação de condicionalidade está marcada pela flexão verbal do modo subjuntivo.

4.3 Orações Relativas

As orações **relativas** com o modo subjuntivo foram verificadas 8 vezes no *corpus*. Todas as orações selecionadas são restritivas, de acordo com a hipótese inicial, uma vez que o antecedente dessas orações é um sintagma nominal determinado ou quantificado, com um núcleo que é um substantivo comum.

De acordo com Mateus *et al.* (1989), as construções que apresentam uma relativa restritiva podem ter ou um valor assertivo ou um valor modal. Quando são estruturadas com o modo subjuntivo têm um valor modal, como nos exemplos (71) e (72):

(71) E eu nunca fui uma pessoa assim que gostasse de viver andando, fazendo as co/ besteira por aí, não, era dentro de casa com meus filho.

(72) ...armazém daqui de Manaus, da antigo, latas que tivesse amassado, a saúde vinha, condenava tudo.

Quando as orações estão associadas a interpretações de caráter hipotético e os enunciados possuem sentidos equivalentes, há uma relação de implicação entre duas proposições. No exemplo (73), temos uma oração condicional que inclui uma oração relativa restritiva subordinada com valor modal. Nesse caso, se estabelecem duas condições para que a oração matriz se realize:

(73) Se tivesse pra, uma pessoa que fizesse um livro pra mim, eu ia contar tudo que se passava nessa cidadezinha porque eu conheço.

Também foram observados no *corpus* exemplos de relativas livres, que são orações sem o antecedente expresso, mas que são caracterizadas por uma estrutura de subordinação, com uma função sintática própria. Nesse caso, a oração relativa assume a função sintática de objeto direto da oração matriz e faz o uso do subjuntivo por apresentar o caráter hipotético da ação narrada:

(74) Aí c/ caiu em cima pra tirarem, quem pegasse era banana, era farinha, era tapioca, era abacaxi, tudo tinha lá.

A partir da análise dos dados, foi possível constatar que, neste dialeto, as relativas restritivas são favorecedoras da morfologia do imperfeito do subjuntivo com verbos regulares e irregulares, conforme os exemplos acima.

4.4 Advérbios de dúvidas

Por fim, foram identificadas no *corpus* 2 orações com **advérbios de dúvida** com emprego do advérbio *talvez*. Apesar da baixa frequência, os exemplos abaixo foram significativos para esta análise, em razão de apresentarem a ocorrência de uma oração com o verbo está flexionado no presente do modo subjuntivo, e outra oração com o verbo flexionado no pretérito imperfeito do indicativo:

- (75) ...o pessoal pensa, assim, que s/ se transforme em um município talvez nós **tenha** mais...condições, assim de, de ser mais beneficiado. (uso com subjuntivo)
- (76) ...lutou pra que ele tivesse uma vida melhor... né... que talvez os próprios pais não **tinham** no passado, né. (uso com indicativo)

No exemplo (75), a oração introduzida pelo advérbio *talvez* é uma oração subordinada completiva em relação à oração *o pessoal pensa*, mas é principal em relação à oração adverbial condicional *que s/ se transforme em um município*. Assim, pode-se observar que o verbo cognitivo *pensar* pode selecionar verbos no indicativo ou no subjuntivo e, nesse caso, foi o subjuntivo. E os verbos da oração iniciada pelo advérbio e da sua oração subordinada também foram apresentados no modo subjuntivo. Na oração subordinada foi o utilizado o verbo no presente do subjuntivo, podendo também ser admitido o uso do futuro subjuntivo: *que se se transformar em um município*.

Já o exemplo (76), mesmo na presença do advérbio *talvez*, não foi usado o subjuntivo. No entanto, é possível realizar uma leitura *irrealis* que está marcada no advérbio, logo o subjuntivo pode ser dispensado. Contudo, não foram encontrados registros suficientes no *corpus* para apontar esse uso como um exemplo de variação no dialeto amazônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se investigar o uso da flexão subjuntivo por falantes do estado do Amazonas. Verificou-se a vitalidade da expressão do modo subjuntivo no dialeto amazônico a partir de dados linguísticos de três municípios, Manaus, Itacoatiara e Barreirinha. A fim de mapear o emprego do modo subjuntivo, foi

observado seu uso em orações subordinadas completivas, adverbiais e relativas, nos contextos que descrevem a leitura *irrealis*.

Para isso, foi usada uma abordagem de descrição dos fatores linguísticos que favorecem ou desfavorecem o emprego do modo subjuntivo. Como referencial teórico tomamos os estudos sobre a modalidade e o modo verbal, conforme dispõem Mateus *et al.* (1989) e Camara Jr. (1991), além de investigações realizadas sobre o mesmo fenômeno em outras regiões do país.

Os dados selecionados foram coletados do *Corpus CoLingAm* (2014). Para a análise de dados utilizou-se de procedimentos metodológicos de descrição linguística, tomando a variação padrão do português brasileiro como parâmetro, contudo, sem a intenção de apontar juízo de valor entre as variedades.

Dessa forma, a análise empreendida evidenciou que, nas orações completivas, o modo subjuntivo foi selecionado categoricamente com verbos volitivos, declarativos. Portanto, não foram observados exemplos com uso do indicativo nesses contextos, o que permite concluir que não existe variação no conjunto de dados examinados.

O uso do subjuntivo foi mais frequente nas orações adverbiais no *corpus*, sendo encontrado, particularmente, nas orações do tipo condicional, temporal, final e comparativa. Nas orações condicionais, foram observadas construções com a modalidade contrafactual e hipotética, introduzidas principalmente pela conjunção *se* e pela conjunção *quando*, em contextos mais restritos. Foi possível observar ainda casos em que não houve presença de conjunção, nos quais a semântica condicional estava marcada pela flexão verbal no modo subjuntivo e pelo conteúdo descrito no contexto oracional. Nessas orações também foram observados um uso variável de dos modos subjuntivo e indicativo.

Nas orações temporais, a seleção do tempo e do modo verbal é dependente do conteúdo que o falante deseja imprimir na comunicação. Notou-se, nesses casos, o uso da conjunção *quando* com o verbo no futuro do subjuntivo, forma coincidente com a variedade padrão. A conjunção *quando* apresentou um sentido temporal e condicional. Foram observados também casos em que o modo indicativo foi selecionado mas que remetem à uma leitura hipotética, logo, o subjuntivo também seria admitido.

Quanto à morfologia dos verbos, as orações condicionais e as temporais foram as que mais apresentaram variação, pois em estruturas com verbos irregulares a raiz verbal não é flexionada para a forma do futuro do subjuntivo, conforme ocorre na língua padrão, obtendo-se uma forma coincidente com a do infinitivo, contudo, a marcação do subjuntivo é expressa no morfema *-r*.

As orações finais com subjuntivo aconteceram com modalidade factual e modalidade hipotética. Nos dados, são principalmente introduzidas pela conjunção *pra que/para que*, com a morfologia o verbo flexionada no imperfeito do subjuntivo.

Foram observadas também orações comparativas-condicionais com o modo subjuntivo, introduzidas pelo conector *como se*. Essas orações apresentaram-se com valor contrafactual e hipotético e conservaram a forma da variação padrão.

A expressão *como se fosse* foi registrada inúmeras vezes, contudo, outros tipos de verbos também foram registrados. O uso apenas da conjunção *como* para exprimir a comparação e a condição também foi registrado, porém, nesses casos, a morfologia verbal apresenta a noção de condicionalidade. Nesse sentido, a conjunção *como se* em orações comparativas-condicionais foi considerada como muito favorecedora do modo subjuntivo.

Por fim, verificamos que as orações adverbiais se apresentaram como conservadoras da estrutura do modo subjuntivo, o que permite supor que o uso do modo subjuntivo é condicionado por fatores sintático-semânticos, como as conjunções subordinativas adverbiais e o tipo de oração. Porém, ocorreram variações morfológicas na raiz verbal, em razão da irregularidade verbal.

As orações relativas ocorreram com o modo subjuntivo em estruturas restritivas, confirmando a hipótese inicial. Além das relativas restritivas com o antecedente expresso, constam nos dados também exemplos de relativa livre e relativa clivada. Os exemplos que apresentam valor modal se apresentaram categoricamente no modo subjuntivo.

As orações com advérbio de dúvida tiveram baixa frequência nos dados. Contudo, nas duas ocorrências registradas com o advérbio 'talvez', foi empregado um exemplo com o verbo no modo subjuntivo e outro no modo indicativo. Diante

disso, não foram encontrados dados suficientes para apontar se existe favorecimento de uma das formas no contexto da variação.

Portanto, após a análise dos dados, verifica-se que o subjuntivo se configura como um domínio semântico-discursivo da irrealidade. Assim, os dados coletados corroboram a hipótese de conservação do modo subjuntivo no dialeto amazônico, principalmente em estruturas de subordinação com noções de futuridade, avaliação, opinião e do traço semântico *irrealis*. Nesse sentido, tais resultados apontam para diferenças em relação ao que ocorre nas variedades dialetais do centro-oeste e do sudeste.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. 2006. **Moderna gramática portuguesa 37ed.** (revista e ampliada). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CAMARA Jr. Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa.** 20 ed., Petrópolis: Vozes, 1991.

CARVALHO, Hebe Macedo. **Alternância das formas subjuntivo e indicativo na fala do Ceará: uma análise variacionista.** Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 27, n. 1, p. 169-190, jun. 2014.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on Government and Binding.** Foris, Dordrecht, 1981.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. 2007. **Nova gramática do português contemporâneo 4. ed.** Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital.

GOMES, Ana Quadros; MENDES, Luciana Sanchez. **Para Conhecer Semântica.** São Paulo: Contexto, 2018. 208p.

OLIVEIRA, Maria do Carmo. **O uso do modo verbal em estruturas de complementação no Português do Brasil.** Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 503-538, jun./dez. 2006

LABOV, W. **Sociolinguistics Patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa.** 49. ed. Rio de Janeiro: Olympio, 2011.

LUCCHESI, D.; MEIRA, V.. **O emprego do modo subjuntivo nas orações adverbiais no português popular do interior do Estado da Bahia: um estudo sociolinguístico.** DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 35, n. 2, p. e2019350211, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-460X2019350211>. Acesso em: 25 de jul. 2023.

MATEUS, M.H.M et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Caminho. Lisboa, 2003.

MEIRA, Vivian. **O uso do modo subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro**. Dissertação de mestrado. Salvador: UFB. 2006. 317p.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. **Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática**. Dissertação de mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999. 129p.

_____. **Presente do subjuntivo e presente do indicativo: um encontro na história**. Working Papers em Linguística, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 01-16, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/11295/11819>.

Acesso em: 25 jul. 2023.

ROCHA, Rosa Cecília Freire da. **A alternância indicativo/ subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em português**. Dissertação de Mestrado - UnB, Brasília, 1997. 123f.